



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

RODRIGO DOS SANTOS ANDRADE DA COSTA

RELAÇÃO INTERGERACIONAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

JOÃO PESSOA - PB
2019

RODRIGO DOS SANTOS ANDRADE DA COSTA

RELAÇÃO INTERGERACIONAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Federal da
Paraíba como requisito para obtenção do
grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Quezia Vila Flor
Furtado

JOÃO PESSOA - PB

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C838r Costa, Rodrigo Dos Santos Andrade da.
Relação Intergeracional na Educação de Jovens e Adultos
/ Rodrigo Dos Santos Andrade da Costa. - João Pessoa,
2019.
46f. : il.

Monografia (Graduação) - UFPB/de Educação.

1. Conflito Intergeracional. I. Título

UFPB/BC

RODRIGO DOS SANTOS ANDRADE DA COSTA

DIFERENÇA DE IDADE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

RESULTADO: Aprovado NOTA: _____

João Pessoa, 16 de maio de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Quêzia Vila Flor Furtado
Profª. Drª. Quêzia Vila Flor Furtado (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba

Maria da Conceição Gomes de Miranda
Profª. Drª. Maria da Conceição Gomes de Miranda
Universidade Federal da Paraíba

Luciano de Sousa Silva
Prof. Msc. Luciano de Sousa Silva
Universidade Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Á Deus, primeiramente por me dar tranquilidade nos momentos mais turbulentos dentro da carreira acadêmica, e vida pessoal.

Á minha família, por sempre me colocar para baixo e dizer que não sou capaz, o que me incentivou a provar o contrário.

Á minha orientadora, Quézia Vila Flor Furtado, que sempre acreditou no meu potencial, e mesmo com muitos puxões de orelha não desistiu de mim.

Á minha companheira Maria Suellen que sempre me incentivou verdadeiramente, me dando total apoio em todos esses anos.

Á meus amigos que fiz na dentro da academia, Odir Milanez e Renata Soares, que passamos por muitas alegrias e dificuldades juntos.

RESUMO

O referido trabalho tem como o objetivo identificar as diferentes faixas etárias presentes dentro da sala de aula da EJA, para então poder compreender a relação entre os alunos de diferentes idades, e por fim analisar as potencialidades e dificuldades das diferentes faixas etárias no processo de ensino aprendizagem. Os sujeitos da pesquisa são os jovens, adultos e idosos que dividem o espaço da sala de aula da EJA. Para isso foi realizado uma pesquisa qualitativa e bibliográfica utilizando a técnica de observação e como instrumento de pesquisa o questionário que foi aplicado com alunos e professores da turma de EJA no ciclo V. A pesquisa foi realizada na Escola cidadã Integral José do Patrocínio, localizada no Funcionários 2, com dois alunos de cada faixa etária, totalizando seis alunos questionados e com quatro professores. Após as análises podemos constatar á respeito desse conflito, respostas bastante positiva onde jovens, adultos e idosos tem uma relação harmoniosa e de ajuda mútua, mostrando que é sim possível uma relação entre distintas faixas etárias, e que seja uma relação extremamente produtiva para o dia a dia dentro de sala de aula, vale pontuar a falta de capacitação dos professores antes de adentrar nessa realidade de diversidade, muito atribuído a falta de formação continuada ofertada com a referida temática e na formação inicial dos mesmos.

Palavras-chaves: Conflito intergeracional. Educação de Jovens e Adultos. Jovens. Adultos. Idosos. Juvenilização.

ABSTRACT

The aim of this work is to identify the different age groups present within the EJA classroom, in order to understand the relationship between students of different ages, and finally to analyze the potentialities and difficulties of the different age groups in the teaching process learning. The research subjects are the young, adult and elderly who share the space of the EJA classroom. For this, a qualitative and bibliographical research was done using the observation technique and as a research instrument the questionnaire that was applied with students and teachers of the EJA class in cycle V. The research was carried out at the Integral José do Patrocínio Citizens' School, located in Employees 2. After the analysis we can see about this conflict, very positive responses where young people, adults and elderly people have a harmonious relationship and mutual help, showing that a relationship between different age groups is possible and that it is an extremely productive relationship for the day a day within the classroom, it is worth pointing out the lack of training of teachers before entering into this reality of diversity, much attributed to the lack of continuous training offered with the aforementioned theme and in the formation of them.

Keywords: Intergenerational conflict. Youth and Adult Education. Young. Adults. Seniors.

SUMÁRIO

1.	
INTRODUÇÃO	10
2. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E OS CONFLITOS INTERGERACIONAIS	
2.1. Historicidade da Educação de Jovens e Adultos	12
2.2. Sujeitos da EJA	17
2.3. Conflito intergeracional na Educação de Jovens e Adultos	20
3. METODOLOGIA	
3.1. Caracterização do campo de pesquisa	25
3.2. Sujeitos da Pesquisa	26
3.3. Procedimentos Metodológicos	26
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	
4.1 Análise dos questionários aplicado com os alunos	29
4.1.1 Relação professor-aluno	29
4.1.2 Relação aluno-aluno	30
4.1.3 Relação aluno-aluno de diferente geração	30
4.1.4 Problema indisciplinar	31
4.1.5 Estudar numa turma diversificada	32
4.1.6 deveria separar?	33
4.2 Análise dos questionários aplicado com os professores	33
4.2.1 Educação ofertada pela EJA	34
4.2.2 Relação Aluno-aluno de diferente geração	34

4.2.3 Educação ofertada numa sala diversificada	34
4.2.4 É prejudicial alunos de diferente geração numa mesma sala?	35
4.2.5 Preparação dos professores	36
4.2.6 É possível uma aprendizagem satisfatória	37
4.2.7 Separar é uma solução?	38
4.2.8 Participa de formação continuada	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE A – Questionário com Alunos	43
APÊNDICE B – Questionário com Professores	44

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que o processo de juvenilização na Educação de Jovens e Adultos faz parte do processo histórico, político e social, que a partir do momento que é garantido por lei à inclusão de jovens nesta modalidade, se inicia o referido processo, obviamente que é um direito, um direito que por diversos motivos na sua vida lhe foi negado.

O Censo Escolar de 2018 nos mostra, que o Brasil conta com cerca de 3,5 milhões de pessoas matriculadas na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Um fato importante destacar é que cerca de 1 milhão desses alunos ainda estão em idade escolar, onde 30% das matrículas da EJA no Brasil são de jovens com idades entre 15 e 21 anos.

Cabe-nos então passar a refletir sobre o que é chamado de conflito intergeracional, dentro da sala de aula na EJA, no presente trilhado mais especificamente no ciclo V, onde há presente a maior diversidade de faixas etárias presente na EJA no campo pesquisado e nos questionarmos como é a relação de pessoas mais idosas, adultos, jovens e adolescentes dentro de uma mesma sala de aula.

Para isso se fez necessário primeiramente todo um apanhado histórico da Educação de Jovens e Adultos, com objetivo de entender em que momento o jovem começou a ser incluído na história da EJA, e por que ele foi incluído. Observando também os mais importantes marcos de movimentos que buscavam alfabetizar os sujeitos mais pobres, mostrando as leis que abarcavam a necessidade de alfabetizar, juntamente com a visão preconceituosa e diminutiva que se tinha sobre a Educação de Jovens e Adultos.

É importante também a reflexão sobre quem são esses sujeitos, o perfil de cada geração, dos jovens, dos adultos e idosos, não se pode refletir sobre o conflito intergeracional desses sujeitos sem nos aproximarmos deles, como por exemplo, os jovens que muitas vezes são taxados de bagunceiros e que só vai para a aula para conversar, mas não se reflete o porquê dessas atitudes, se ele

possivelmente age dessa maneira porque o sistema educacional não é significativo, e é de extrema importância a reflexão sobre cada sujeito.

Por fim, entrarmos numa discussão voltada para o conflito intergeracional nos dias de hoje, se essa relação entre pessoas de diferentes gerações é apenas conflituosa, ou se o/a professor/a pode utilizar esta situação de forma significativa no processo de ensino e de aprendizagem.

Em períodos de estágio na EJA, ouvi comentários a respeito do desagrado tanto dos alunos mais jovens da EJA, quanto de alunos mais velhos, a respeito dessa relação. Uma relação que se dá ao ter que partilhar o ambiente da sala de aula com alunos de diferentes idades, que para eles é um tanto quanto prejudicial ao andamento e desenvolvimento da aula relacionado à aprendizagem de ambos. Os jovens reclamavam do ritmo lento dos idosos adultos para a aprendizagem. Já os idosos reclamam de uma certa indisciplina, falta de comprometimento e maturidade dos mais jovens.

Então surgiu o interesse por pesquisar e entender mais como acontece essa relação na sala de aula, buscando refletir sobre uma relação que não seja nociva, mas produtiva.

O primeiro capítulo traz um breve apanhado histórico da Educação de Jovens e Adultos, em seguida a caracterização dos sujeitos da pesquisa e por fim a reflexão do conflito intergeracional presente nos dias de hoje. No segundo capítulo temos a caracterização do campo de pesquisa, e um pouco mais sobre quem são esses sujeitos de fato.

Na metodologia, a natureza da pesquisa foi a pesquisa qualitativa e a primeira etapa foi a pesquisa bibliográfica, a técnica utilizada foi a de observação como o instrumento de pesquisa o questionário, que foram aplicados com 6 alunos e 4 professores. E por fim terminamos com os resultados e sua respectiva análise, que foi possível constatar um cenário bastante positivo, onde o conflito intergeracional se dava de forma bastante harmoniosa para todos os sujeitos envolvidos, relação essa afirmada pelos professores, que por outro lado mostraram dificuldades em lidar com essa situação.

2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E OS CONFLITOS INTERGERACIONAIS

2.1 Historicidade da Educação de Jovens e Adultos

A CONSTITUIÇÃO FEDERAL no artigo 205 garante a educação como direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Sabemos que o acesso à educação no Brasil surgiu como um privilégio para aquelas pessoas que tinham melhores condições de vida, o processo de alfabetização para as pessoas menos favorecidas, começou a acontecer de maneira tardia por iniciativas de algumas instituições sem ligação com o governo.

Talvez a característica marcante do momento vivido na EJA seja a diversidade de tentativas de configurar sua especificidade. Um campo aberto a qualquer cultivo e semeadura será sempre indefinido e exposto a intervenções passageiras. De campanhas e de apelos à boa vontade e a improvisação. (ARROYO, 2011 p. 95)

O que é marcante na fala de Arroyo é a improvisação, pois até então, não havia dada a devida importância a Educação de Jovens e Adultos. Tendo como referência a esse cenário, cabe-nos refletir que a Educação de Jovens e Adultos começou a ser debatido e difundido por décadas posteriores, com alguns projetos governamentais.

Com isso em mente, discorreremos sobre todo o processo histórico até a chegada dos jovens na Educação de Jovens e Adultos. No final da década de 40, foi construído o primeiro trabalho que procurava responder algumas das reivindicações das classes populares, tais como concessões de direitos aos operários e à população camponesa, extensão da rede escolar gratuita (ensino primário e secundário), dentre outros.

Com a regulamentação do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), em agosto de 1945, foi promovida uma difusão do ensino elementar, principalmente o primário. Contudo, essa expansão se efetivou de forma precária. Podemos ver nesse contexto uma tentativa frustrada de mudança, pois do que adianta ofertar educação só por ofertar, sem qualidade nenhuma basicamente.

Não a toa que isto contribuiu para o crescente índice de analfabetismo no País, de forma que, na segunda metade do século XX, a população estava em 51 milhões, 944 mil e 397 habitantes, e o índice de analfabetismo era de 50% entre as pessoas maiores de quinze anos. Naquele período, 360 municípios brasileiros não contavam com qualquer prédio escolar, e os existentes nos demais municípios apresentavam instalações extremamente precárias, principalmente os da zona rural. Importante lembrar que em 1950, 63,84% da população vivia no campo. (PAIVA, 1987, P.35).

A Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), iniciativa do Ministério da Educação e Saúde e coordenada por Lourenço Filho, foi à primeira atitude pública realizada com o intuito do atendimento aos adolescentes e adultos no ano de 1947.

Essa Campanha percebia a educação como processo destinado a proporcionar a cada indivíduo, segundo suas capacidades, os instrumentos indispensáveis ao domínio da cultura de seu tempo, as técnicas que facilitassem o acesso a essa cultura e com os quais cada homem pudesse desenvolver-se e procurar melhor ajustamento social (BEISEGEL, 1974 p. 112).

A partir da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos iniciou-se um movimento de mobilização nacional para discutir a educação de jovens e adultos no país.

Apesar de toda a movimentação, muitas críticas foram feitas ao método de alfabetização adotado para a população adulta nessa Campanha, como as precárias condições de funcionamento das aulas, a baixa frequência e aproveitamento dos(as) alunos(as), a má remuneração e desqualificação dos(as) professores(as), a inadequação do programa e do material didático à clientela e a superficialidade do aprendizado, pelo curto período designado para tal. Deu-se, então, o declínio da 1ª Campanha, devido aos resultados insatisfatórios (SOARES, 1996 p.19).

Em 1949, em âmbito mundial, ocorreu a primeira Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFINTEA). Devido ao clima marcado

pelo final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a Conferência considerou que a educação de pessoas jovens e adultas deveria ter em vista a geração de relações pacíficas. Desse modo, deveria ser desenvolvida com base no espírito de tolerância, devendo ser trabalhada de modo a aproximar os povos, não só os governos, levando em conta as condições de vida das populações de modo a criar situações de paz e entendimento (FLECHA, 1994).

O regime militar, após o golpe de 1964, foi de grande perda para a educação no país, pois o regime ditatorial estagnou campanhas e acabou com projetos voltados não só a Educação de Jovens e Adultos como também na educação brasileira de modo geral. Pensadores, pesquisadores e ativistas se viram obrigados a se calar ou a deixar o país frente aquele cenário de total descaso com a educação no Brasil, muitos foram presos e outros até mortos, nesse período de total trevas para um país e para a educação.

Em conclusão da 1ª Campanha, Soares (1996) discorre a criação de uma estrutura mínima de atendimento, apesar da não valorização do magistério. Para Paiva (apud HADDAD & DI PIERRO, 2000), o adulto não escolarizado era percebido como um ser imaturo e ignorante, que deveria ser atualizado com os mesmos conteúdos formais da escola primária ideia essa que já citei anteriormente, percepção esta que só aumentava o preconceito contra os analfabetos. Dessa maneira, a EJA localizava-se inicialmente numa perspectiva prioritariamente voltada para a alfabetização dos segmentos da população a quem o acesso à escolarização regular foi prejudicado.

Para Di Pierro e Haddad (2000), o ensino supletivo foi apresentado à sociedade como um projeto de escola do futuro e elemento de um sistema educacional compatível com a modernização socioeconômica observada no país nos anos 70. Seria então uma escola que desconsiderava a classe do sujeito, seria uma escola neutra, que ofertava o mesmo tipo e qualidade educação para todos, sem qualquer distinção.

Para Di Pierro (2005), nesse período criou-se um ambiente favorável para que os sistemas de ensino público comessem a romper com o paradigma compensatório do ensino supletivo que foi oficializado pela lei 5691/1971 que visava à profissionalização do então ensino secundário, na

tentativa de unificar os antigos ensino primário e médio, eliminando as diferenças entre os ramos secundário, recuperando o legado dos movimentos de educação e cultura popular, desenvolvessem experiências inovadoras de alfabetização e escolarização de jovens e adultos. O que levou no cenário político para reconhecimento dos direitos sociais na Constituição Federal de 1988.

Todo esse movimento de renovação pedagógica, não surtiu tanto efeito nas redes estaduais de ensino, que continuaram seguindo a ideia de compensação. Outro acontecimento importante nesta época foi a Declaração da Organização das Nações Unidas, que determinou que o ano de 1990 seria o Ano Internacional da Alfabetização e convocou a Conferência Mundial de Educação para Todos, lançando novas esperanças e propostas de avanços na educação de jovens e adultos.

A partir da declaração mundial de educação para todos lançado em 1990 em Jomtien na Tailândia, impulsionou o Brasil a garantir a educação para todos. De acordo com Silva (2009, p.16) os conflitos intergeracionais se acentuam na Educação de Jovens e Adultos, na segunda metade da década de 1990, devido ao fenômeno da juvenilização da Educação de Jovens e Adultos. Cabe-nos refletir que a juvenilização é um fenômeno de extrema complexidade para a EJA, no período em questão se torna bem mais difícil encarar essa realidade visto que a educação de maneira geral no Brasil caminha a passos lentos para ser satisfatória.

É muito importante se ter educação, pois é intrínseco à natureza humana e se solidifica a partir das relações sociais, propiciando o desenvolvimento do ser humano como ser crítico, ético, estético. E em um mundo desigual, a Educação de Jovens e Adultos se faz indispensável a partir dos seus valores de humanização e liberdade impulsionados pela dinâmica de mudança. Refletir a EJA é acima de tudo observar com seriedade e compromisso os excluídos: pobres, negros, trabalhadores, oprimidos, marcados por um histórico o qual lhes foi negado o direito à educação plena. Defender a EJA é acima de tudo entender a importância de uma política

inclusiva que proporcione o desenvolvimento do homem, seu preparo para a sociedade.

E com isso é nítido perceber que o sujeito da EJA, sempre foi marcado por uma exclusão, tanto social e como consequência econômica, pois essas pessoas que frequentam as salas da Educação de Jovens e Adultos são pessoas de origem humildes, pessoas pobres que buscam o acesso à escola.

Os homens, mulheres, jovens, adultos ou idosos que buscam a escola pertencem todos a uma mesma classe social: são pessoas com baixo poder aquisitivo, que consomem, de modo geral, apenas o básico à sua sobrevivência: aluguel, água, luz, alimentação, remédios para os filhos. (BRASIL, MEC, 2006, p.15)

São sujeitos que em busca da alfabetização com uma baixa autoestima, pois se sentem culpados por não terem aprendido a ler e a escrever, se sentem incapazes de aprender, e não tem a percepção dessa exclusão do sistema educacional e muito menos do fator histórico que afeta de maneira estrondosa nos dias atuais.

Uma característica frequente do(a) aluno(a) é sua baixa autoestima, muitas vezes reforçada pelas situações de fracasso escolar. A sua eventual passagem pela escola, muitas vezes, foi marcada pela exclusão e/ou pelo insucesso escolar. Com um desempenho pedagógico anterior comprometido, esse aluno volta à sala de aula revelando uma autoimagem fragilizada, expressando sentimentos de insegurança e de desvalorização pessoal frente aos novos desafios que se impõem. (BRASIL, MEC, 2006, P.16)

Outro ponto que deve ser destacado é a marca do trabalho para os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, por virem de famílias pobres muitas vezes os sujeitos tem de largar a escola para trabalhar e ajudar no sustento da família.

As alunas e alunos da EJA, em sua maioria, são trabalhadores e, muitas vezes, a experiência com o trabalho começou em suas vidas muito cedo. Nas cidades, seus pais saíam para trabalhar e muitos deles já eram responsáveis, ainda crianças, pelo cuidado da casa e dos irmãos mais novos. Outras vezes, acompanhavam seus pais ao trabalho, realizando pequenas tarefas para auxiliá-los. (BRASIL, MEC, 2006, P.19)

Sabemos que essa sequela deixada pelo período colonial a respeito desses sujeitos menos favorecidos no quesito educação, tem que ser reparado, é como uma dívida social com os negros, índios, pobres entre outros. Existem nas produções teóricas do meio da educação, uma ideia a respeito do fracasso escolar nas classes populares que identifica ao abandono dos estudos antes da conclusão da educação básica como resultado de um esguio processo de exclusão que o sistema educacional coloca em prática desde o ingresso desses alunos na escola.

Porém esses sujeitos excluídos não conseguem ter essa compreensão de que a culpa deles terem fracassado na escola é culpa do sistema educacional e não deles próprios, a maioria desses sujeitos se culpam por esse abandono, por não estarem conseguindo aprender. Essa compreensão se dá apenas no meio acadêmico, a partir de algumas reflexões a respeito de como a educação muitas vezes não são significativas para aqueles sujeitos.

O acesso à escola vem aumentando gradativamente nas últimas décadas, não se pode negar esses fatos, a grande discussão em torno é a qualidade dessa educação. A qualidade do ensino oferecido nas escolas públicas se é significativo para o sujeito ou não, isso está extremamente ligado à Educação de Jovens e Adultos, pois a falta de significação para o sujeito na escola é um grande fator para a evasão escolar.

Se pensarmos um sujeito pobre, de uma família desestruturada, que busca na escola uma luz, uma oportunidade de futuro, de fonte de renda através da educação, e ele percebe que aquela vida não é para ele que seria bem mais fácil deixar a escola e procurar um emprego para ajudar na renda familiar, para o sustento. Depois de alguns anos, décadas esse mesmo sujeito sente vontade de voltar à escola através da Educação de Jovens e Adultos, e ao chegar lá já se sentindo desvalorizado e incapaz, e o sistema educacional é de pouca qualidade, isso com certeza o desanima ainda mais.

2.2 Os sujeitos da EJA

O crescimento da quantidade de jovens na Educação de Jovens e Adultos é um fato reconhecido a partir da década de 90. A LDB 9394/96 vem

como uma das causas para esse fato quando reduz a idade mínima para a entrada nas séries iniciais da educação de jovens e adultos de 18 para 15 anos. Ampliando com a ideia de Furtado (2010, p.131), que em decorrência do crescimento do número de alunos com distorção idade/ano, amplia, ainda mais, a disparidade de faixa etária nessa modalidade.

E então precisamos discutir quem são esses jovens e adultos que estão na Educação de Jovens e Adultos, é importante desconstruir a visão negativa que se tem dessas pessoas, outra questão marcante é o olhar da sociedade para esses sujeitos como se fossem pessoas desprovidas de capacidade cognitiva, ou simples pessoas que não tem interesse.

Sem dúvida que um dos olhares sobre esses jovens e adultos é vê-los como alunos(as), tomarmos consciência de que estão privados dos bens simbólicos que a escolarização deveria garantir. Que milhões estão à margem desse direito. Colocar-nos nessa perspectiva é um avanço em relação às velhas políticas de suplência. (ARROYO, 2011, P.98)

É importante também não vermos esses sujeitos apenas com um olhar de pessoas carentes, mas também como sujeitos de protagonismo.

As trajetórias sociais e escolares truncadas não significam sua paralisação nos tensos processos de sua formação mental, ética, identitária, cultural, social e política. Quando voltam à escola carregam esse acúmulo de formação e de aprendizagens. (ARROYO, 2011, P.100)

Para conseguirmos enxergar a EJA com a devida importância que ela tem, temos que enxergar os sujeitos que o frequenta de maneira positiva, como sujeitos de direitos e deveres do Estado, a partir desse reconhecimento e valorização, que se inicie a criação de políticas públicas para a modalidade.

A falta de oportunidades em outras modalidades para dar continuidade aos estudos e a necessidade de voltar a estudar, leva muitos jovens, adultos e idosos a buscarem na Educação de Jovens e Adultos, a alternativa de retomar e prosseguir com sua escolarização.

Tendo isso em mente começamos a pensar no sujeito idoso dentro da sala de aula da EJA, que surge a partir da ideia de retomar a educação que lhe foi negada anteriormente num contexto de exclusão despercebido por esses sujeitos. O Estatuto do Idoso apresenta alguns direitos que esse indivíduo tem

a partir da Lei nº 10741 de 01/10/2003, que dispõe e dá algumas providências. No primeiro artigo situa o idoso como pessoa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos. E no estatuto fala da obrigação da assistência aos idosos que é tanto da sociedade em geral (pessoas físicas e jurídicas), além do poder público (Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário).

Como previsto no Estatuto do Idoso (2003), é obrigação do Estado à garantia da preservação da saúde, da liberdade, do direito à vida, do respeito, da dignidade, da previdência e assistência social, da habitação, do transporte, da educação e do trabalho. Temos que refletir como este sujeito está inserido. Não apenas devem-se ofertar vagas a ele para garantir seu direito conforme o estatuto do idoso, mas também devemos observar de que maneira essa educação é ofertada. É preciso refletir se as práticas diárias de sala de aula, se as metodologias dos professores atingem de maneira satisfatória esse sujeito, se os conteúdos ministrados são significativos e se encaixam na realidade deles.

Trazemos então um processo histórico recente dos dados disponibilizados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a respeito dos sujeitos Nem-nens, que é um possível público para a Educação de Jovens e Adultos. O IBGE no ano de 2005, aponta cerca de 12% da população de jovens entre 15 e 29 anos de idade nem estudava, nem trabalhava e tampouco procurava emprego. Quadro esse que agravou 10 anos mais tarde, em 2015, são quase 25% dos jovens nessa idade que se encontram nessa situação: nem estudam, nem trabalham e nem procuram emprego. Ou seja, cerca de 1 em cada 4 jovens sofrem dessa condição.

Dois anos mais tarde a Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), divulgada pelo IBGE em 2017 o país tinha 11,16 milhões de pessoas de 15 a 29 anos que não estudavam e nem trabalhavam, 619 mil a mais do que em 2010, que representava 23% da população dessa faixa etária em 2017.

Um fato bastante interessante a se refletir é a relação de importância que as famílias dão a escolaridade, os pais que são escolarizados têm filhos que seguem o mesmo caminho. Já aqueles que não tiveram a oportunidade,

que teve o direito a educação negado, são esses que tem filhos com caso de evasão, e que se encaixa no quadro do nem-nem. Os jovens que apresenta uma predisposição a se encaixar nesse perfil precisam ser estimulados e orientados, antes que de fato entre nas estatísticas. Como não encontram estímulo em casa, a escola passa a ter o papel crucial de ajudá-los nesta busca por um caminho a seguir.

Os jovens nem-nens têm diversos motivos para estar assim, não se pode crucificar, mas é necessário dar o apoio e os subsídios necessários para essas pessoas consigam voltar a escola. Há casos de nem-nem que não consegue sair dessa situação, como por exemplo, uma mulher que abandonou os estudos para cuidar do filho, e após isso ficou responsável pelas tarefas domésticas pelo resto da vida, parece um exemplo superficial, porém retrata a realidade infelizmente de muitas mulheres.

2.3 Conflito intergeracional na Educação de Jovens e Adultos

De acordo com Silva (2009, p.16) os conflitos intergeracionais se acentuam na Educação de Jovens e Adultos, na segunda metade da década de 1990, devido ao fenômeno da juvenilização da Educação de Jovens e Adultos. Entretanto, no entendimento de Silva (2009), parafraseando Bourdieu (1983, p. 113) as categorias, idoso e jovem, são construídas socialmente em processos de alteridade, se é velho ou jovem em relação a alguém, não se trata de categorias naturais, no sentido biológico.

É importante refletir sobre o que a escola representa para os alunos da Educação de Jovens e adultos, para assim entender os motivos e objetivos de cada grupo etário ao se inserir na EJA. Se pararmos para refletir o contexto de uma aluna adulta e casada, que sua rotina é apenas voltada para o âmbito familiar e o trabalho, a escola representa um espaço de sociabilidade, onde irá conhecer novas pessoas e fazer novas amizades.

Conhecer outras pessoas apropriar-se de elementos culturais diferentes dos seus, relacionar-se, são ações importantes para o crescimento pessoal de todos nós. É no contato com o outro e na vivência de relações e experiências diversas que enriquecemos nosso modo de ver e agir no mundo. Nesse sentido, a escola desempenha um papel importante: o de proporcionar esse encontro

do(a) aluno(a) com as outras possibilidades de relação e de realização pessoal. (BRASIL, MEC, 2006. PAG. 24)

Então, a convivência entre distintas gerações num mesmo contexto escolar é necessária e reforça a troca de experiências entre os sujeitos. Porém, observar, identificar e intervir nos conflitos intergeracionais é tarefa que muitos estudiosos já se dedicaram para a sua solução, mas, ainda assim, as diversas particularidades de situações, pessoas, ambientes escolares, regiões diferentes e outras tantas variáveis, nos impõe cada vez mais, aprofundar na pesquisa de um tema extremamente complexo.

A ideia de que a turma da EJA era composta por aqueles que não tiveram oportunidades educacionais em idade própria ou que a tiveram de forma insuficiente, Furtado (2010, p.131) já se tornou insuficiente pelo momento histórico, político, social e econômico em que temos vivenciado ultimamente. E ainda reflete a entrada crescente dos jovens na EJA como consequência também da má qualidade do processo de escolarização desenvolvido na educação básica.

Enquanto a escola denominada regular busca uma simetria entre série/ciclo e faixa etária, há uma complexidade típica da EJA consubstanciada na pluralidade de formação sociocultural do alunado, decorrente de seus pertencimentos geracionais” (RIBAS, 2009, p. 124).

De acordo com Araújo (2017, p.12) na EJA ocorrem relações intrageracionais (interações entre uma mesma geração) e relações intergeracionais (interações entre gerações diferentes), na qual o tencionamento geracional se dá na variedade de experiências adquiridas pelos sujeitos “adolescentes”, “jovens”, “adultos” e “idosos” que compartilham um mesmo espaço escolar. A partir daí, entendemos que a problemática geracional tendo como foco a trama intergeracional baseia-se no entendimento de que a equidade e os sentidos das situações de interações estabelecidas entre pessoas de distintas idades só podem ser compreendidos caso seja considerada a questão relacional. Isso porque construir relações intergeracionais é vital, pois é no embate com o outro que as identidades se constroem e dinamizam.

A partir desse embate os sujeitos envolvidos irão perceber que muitos terão pontos em comuns e pontos divergentes, o que já é um avanço do que muitas vezes só é observado os pontos divergentes, no qual muitas vezes os jovens se sentem incomodados com a presença dos idosos, e esse mal estar é muito maior dos mais velhos para com os mais jovens. E conseguir fazer com essa diversidade trabalhe em comunhão é a grande chave para um melhor aprendizado dentro da sala de aula, obviamente que isso não seria como um passe de mágica, primeiro eles teriam que se respeitar, se valorizar, valorizar o outro, valorizar o conhecimento do outro, ter esse reconhecimento de conhecimento pode ser tranquilamente o trabalho do professor, deve ser na verdade, a figura do professor nessa relação é imprescindível. O que muita das vezes não ocorre, o professor é o primeiro a desvalorizar o conhecimento dos alunos, muitas vezes o professor não quer nem ouvir o que seu aluno tem a falar, e isso é deprimente.

É um grande desafio, após a elevada matrícula de jovens na EJA, para professores e gestores da modalidade, que buscam dar conta das diferentes faixas etárias em uma mesma sala de aula, dando conta das expectativas, necessidades e ritmos de cada uma delas. O rejuvenescimento da população que frequenta a Educação de Jovens e Adultos é um fato que vem progressivamente ocupando a atenção de educadores e pesquisadores na área da educação.

O número de jovens e adolescentes nessa modalidade de ensino cresce a cada ano, modificando o cotidiano escolar e as relações que se estabelecem entre os sujeitos que ocupam este espaço. (BRUNEL, 2004, p.09 apud SILVA, 2010, p.08).

É um fato o fenômeno da juvenilização dentro das salas da educação de jovens e adultos, que não pode ser encarado como algo negativo, mas sim como um novo, mas nem tão novo desafio assim, porém não se pode simplesmente colocar pessoas com idades diferentes, níveis e forma de aprendizagem diferentes dentro de uma sala e esperar que a mesma didática e metodologia utilizada á décadas sejam capazes de funcionar de maneira eficaz. Não existem turmas homogêneas, o mundo é diverso e a escola está inserida nessa realidade. Rigolon (2012) afirma dizer que se não é

possível a convivência de diferentes grupos em sala de aula é de algum modo, afirmar que não é possível a convivência deles na vida em sociedade.

Isso como sabe, não é verdade. Nascimento (2014, p.2) fala que quando enfrentamos a realidade do processo educativo na EJA, é notável a multietariedade dos estudantes, fato que nos faz perguntar sobre as vantagens e desvantagens dessa heterogeneidade cronológica. Para SILVA (2009, p.17) a Educação de Jovens e Adultos, espaço de relações intergeracionais, de diálogo entre saberes, de compreensão e de reconhecimento da experiência e da sabedoria, tensionadas pelas culturas de jovens, adultos e idosos tem, muitas vezes, essas relações tratadas como problemas. Obviamente que ocorrem alguns problemas, mas não é um bicho de sete cabeças.

Embora muito se fale de aspectos problemáticos dessa relação, não se pode deixar de abordar as questões significativas dessa relação, cabe-nos então fazer a seguinte pergunta, É possível que as diferenças sejam usadas a favor da dinâmica de sala de aula? Como? As diferenças podem e devem ser usadas a favor da aprendizagem, e não contra. E eu não estou dizendo aqui que isso é simples. Não é. Reconhecer que todo grupo é diverso, inclusive do ponto de vista da idade, coloca para o professor um desafio.

Mas essa diversidade não deve ser sem dúvida, um impedimento ao processo de ensino e aprendizagem. Se eu partir do princípio que todos têm condições de aprender, em ritmos diferentes, de formas diferentes, pode usar essa heterogeneidade a favor do aprendizado, criando agrupamentos produtivos, rodas de discussão e compartilhamentos de experiências. Esse é um aspecto muito importante: incentivar o convívio do grupo. Principalmente, com atividades coletivas de reflexão e discussão. O professor tem que fazer com que haja uma harmonia pessoal entre os alunos da sala, desconstruir muitas vezes a visão dos mais velhos sobre os mais jovens, que acham que só vão para fazer baderna.

Quando o professor possibilita que os mais jovens sejam ativos participantes dentro da sala, os mais velhos começarão a entender que todos os alunos vão ter algo a acrescentar, melhorando assim o convívio pessoal e convívio dentro de sala de aula, possibilitando uma troca de conhecimento e

um bom desempenho para todos. Ressaltando que não é um trabalho simples, o professor tem que ter disposição e conhecimento para fazer essa mediação de forma eficaz.

É fundamental a valorização dos conhecimentos do aluno, não só ouvir o que o aluno tem a dizer, mas o professor fazer daquela informação algo útil para o contexto dentro de sala de aula, isso vai acrescentar muito aos conhecimentos da turma, pois é muitas vezes algo próximo da realidade, e também a questão emocional daquele aluno, que por muitas vezes descredenciado da sociedade, e descredenciado de sua própria capacidade.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996, p.24)

Se um aluno jovem vai para dentro da sala de EJA e um professor não valoriza sua presença e seus conhecimentos, ele vai se sentir inútil, sentir que aquele lugar não serve de nada para ele, e de alguma forma ele vai demonstrar essa insatisfação, que muitas vezes é por bagunça.

Muito se ouve dentro da própria academia comentários depreciativos a respeito do comportamento dos adolescentes dentro de uma sala diversificada, que não quer aprender nada e atrapalha quem quer. Não se pode simplesmente descarregar toda a culpa nos mais jovens para um desempenho não esperado, porém teria que haver a destreza de tentar entender por que ele age de tal maneira, se colocar a refletir se aquelas práticas dentro da sala de educação de jovens e adultos são significativas para aqueles jovens, e se o comportamento de bagunça não é apenas uma maneira de se rebelar contra esse sistema. Tanto falei sobre a mudança de olhar para dentro da EJA, que temos que ter uma visão mais positiva, a sociedade deveria mudar essa visão, que entristece ao ver esse tipo de pensamento reprodutivista dentro de um curso de formação de professores.

3 METODOLOGIA

3.1 Caracterização do campo de pesquisa

Pesquisa realizada na Escola Cidadã Integral José do Patrocínio, localizada no bairro dos Funcionários 2, na cidade de João Pessoa-PB. Escola fundada em 1992 no governo de Ronaldo Cunha Lima, e ofertava os anos finais do Ensino Fundamental, o Ensino Médio e a modalidade EJA.



Fonte: Google imagens

A partir da reforma concluída no ano de 2018 realizada no governo de Ricardo Coutinho, a escola passou a ter o modelo cidadã integral, o programa tem como foco a formação dos jovens, da qual não inclui os estudantes da EJA, por meio de um desenho curricular diferenciado e com metodologias específicas, que apresentam aos estudantes do Ensino Médio possibilidades de se sentirem integrantes do seu projeto de vida.

Como citado anteriormente a escola então passou a atender no período integral os jovens do Ensino Médio, e a noite a Educação de Jovens e Adultos.

3.2 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são alunos do ciclo V, da qual estavam matriculados 42 alunos, numa faixa etária dos 18 aos 75 anos de idade, pessoas com situação econômica de baixa renda, onde residem em comunidades ao redor da escola, como no Grotão, Funcionários 2, 3, 4 e Ernani Sátiro.

A maioria dos alunos nessa sala são de jovens, totalizando 20 alunos, na faixa etária de adultos há presentes 17 alunos, e na faixa etária dos idosos tem 05 alunos.

Os questionários foram aplicados com 6 alunos dos quais 2 alunos estavam na faixa etária dos jovens que é dos 15 a 19 anos, sendo um do sexo masculino e um do sexo feminino, outros 2 são da faixa etária dos adultos que é dos 20 aos 59 anos e são ambas do sexo feminino, e finalizando com 2 idosos, um do sexo masculino e um do sexo feminino.

O questionário foram aplicados também com 4 professores, das quais foram 3 professores do sexo masculino e 1 do sexo feminino. Dois desses professores eram recém-formados em matemática, onde um deles já era especializado em matemática para o ensino médio. O outro professor do sexo masculino tem sua formação em geografia, e ele está presente na faixa etária dos adultos. A professora tem sua formação em ciências e estava presente na faixa etária dos idosos.

3.3 Procedimentos metodológicos

O presente trabalho é da pesquisa de natureza qualitativa.

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria (GOLDENBERG, 1997, p. 34).

A etapa da pesquisa bibliográfica é o primeiro passo para qualquer trabalho acadêmico, onde busca reunir a maioria das informações já pesquisadas anteriormente, a fim de identificar o que ainda não se foi

pesquisado, ou se aquelas informações ainda são válidas atualmente, como é o caso do presente trabalho. A pesquisa qualitativa é um método de investigação científica cujo foco é no caráter subjetivo do objeto analisado, como no caso do presente trabalho, que vai ouvir as experiências dos alunos da educação de jovens e adultos e suas opiniões, o objetivo da pesquisa qualitativa é compreender o comportamento de determinado grupo.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Em quanto procedimento de coletas de dados foi realizado primeiramente a técnica de observação, para Gil (2008) a observação constitui elemento fundamental para a pesquisa. Desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa. A observação foi realizada com o objetivo de ter contato diretamente com a situação a ser observado sem nenhuma intervenção, observar como se dá o trabalho dentro da sala de aula. Gil (2008, p.101) vem trazer como o único ponto negativo da observação é a quebra da espontaneidade causado pela presença do observador. Da qual foi realizada durante dois meses entre março e abril no ano de 2019, no que totalizou doze observações.

Como o segundo instrumento de pesquisa, foi escolhido o questionário segundo Gil (2008), pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações. Essas informações que serão obtidas são relacionadas diretamente ao problema da pesquisa, e o questionário buscará responder as questões dos objetivos. Nos métodos e técnicas de pesquisa social Gil (2008) cita dois tipos de questões a serem trabalhadas, que são as abertas e fechadas e fala de alguns pontos negativos. Nas questões abertas, a pessoa que está respondendo pode não dar respostas

satisfatórias ao projeto. Nas questões fechadas, as alternativas pode não abranger toda a questão.

O presente trabalho terá questões mistas, onde pretende preencher todas as lacunas, ao mesmo tempo que direciona a pessoa a um objetivo, da espaço para ela expor algo a mais que a alternativas não contemplem. O referido questionário foi aplicado para os alunos do ciclo V e também com os docentes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após os questionários serem aplicados com 4 professores e com 6 alunos, teremos os resultados abaixo, seguido de discussões com aportes teóricos e reflexões sobre o cenário encontrado no campo de pesquisa.

4.1 Análises dos questionários aplicado com os alunos

4.1.1 Relação professor-aluno

Jovens	Adultos	Idosos
EXCELENTE	BOA E EXCELENTE	EXCELENTE

Na primeira questão foi perguntado a respeito de como os alunos enxergam sua relação com o professor e (5) cinco dos (6) seis alunos questionados afirmaram ser excelente a relação com os professores e (1) um falou que era boa, cabe ressaltar que conforme afirmado com alunos é nítido perceber que não há nenhum tipo de relação conflituosa com os professores. O mesmo foi percebido no período de observação, os alunos respeitam o professor dentro de sala, e isso é totalmente recíproco. É um primeiro ponto esperançoso para uma aprendizagem satisfatória. Freire traz isso muito bem na Pedagogia do Oprimido, da relação em conjunto professor-aluno, que tanto o professor tem que levar em consideração e respeitar o espaço do aluno e vice-versa.

Temos que considerar o estudante da EJA como um ser já com vida praticamente conclusa, o que lhe falta é só a liberdade que o professor tem o papel de lhe dar, através da transferência dos múltiplos conhecimentos. Queremos então chamar a atenção, que o ato de ensinar não é só o método de transferência de conhecimentos, mas também o ato de respeitar o conhecimento já adquirido dos seus alunos, realizando a soma de suas experiências já existentes com as que o próprio professor terá que transferir o que chamamos então de troca de saberes. (DINIZ, 2017, P.20)

Como pedagogos temos que estar cientes de nossa função dentro da sala de aula, não podemos em hipótese alguma desconsiderar os conhecimentos de nossos alunos, e isso dentro de um contexto de diversidade na faixa etária é extremamente importante refletir, pois temos que ter a

consciência que todos os alunos têm algo a acrescentar, seja eles jovens ou idosos.

4.1.2 Relação aluno-aluno

Jovens	Adultos	Idosos
ÓTIMA E REGULAR	ÓTIMA	ÓTIMA

Aqui foi perguntado a respeito da relação entre os próprios alunos e interessante perceber que dos alunos questionados (5) cinco dos (6) seis afirmaram ser ótima e (1) um falou que era regular. Porém nos momentos de observação pude notar que nem todos os alunos tem algum contato, é nítido o quanto os alunos mais jovens sentam no fundo da sala e se relacionam entre eles, enquanto os adultos e idosos tem uma relação mais próxima, por mais que não haja um contato próximo, também não há conflitos.

4.1.3 Relação aluno-aluno de diferente geração

Jovens	Adultos	Idosos
ÓTIMA E REGULAR	ÓTIMA	ÓTIMA E REGULAR

Aqui foi perguntado a respeito da relação com os alunos de diferente geração e (4) quatro dos alunos falaram ser ótima e (2) falaram que essa relação é regular, podemos observar uma diferença a respeito da relação entre os alunos de diferente idade, mas que não deixa de ser um resultado satisfatório, pois nenhum dos questionados falou que a relação era ruim ou péssima. É de extrema alegria perceber que a realidade não é tratada como um problema, e sim como diz Silva (2009, p.17) a Educação de Jovens e Adultos, espaço de relações intergeracionais, de diálogo entre saberes, de compreensão e de reconhecimento da experiência e da sabedoria, tensionadas pelas culturas de jovens, adultos e idosos.

Porém como analisamos no tópico anterior, os jovens relacionam e se posicionam de maneira em que seu contato é maior com outros jovens. Um

fato preocupante que cabe destacar é a evasão, pois segundo a secretária, os jovens mais bagunceiros saíram da escola, o que segundo a mesma deixou a turma melhor.

Os altos índices de abandono dos alunos chamam a atenção e impressionam com frequência, pois, em muitas salas de EJA, o número de alunos evadidos a cada semestre chega a ser superior ao número de alunos aprovados e tem servido como pretexto para o fechamento de muitas classes. (SIMÕES, 2017, p.33)

Ao decorrer das observações pude notar um número de evasão considerável, fato esse confirmado pela secretaria da escola, onde na sala que foi feito as observações e a aplicação do questionário ocorreu evasão da maioria de jovens.

4.1.4 Problema indisciplinar

Jovens	Adultos	Idosos
NÃO E EM PARTE	NÃO	NÃO

Aqui foi perguntado se há problemas de indisciplina na sala e (5) cinco dos alunos afirmaram não haver problemas já (1) um falou que em parte, decorremos durante o texto, e refletimos muitas vezes sobre outras pesquisas e cenários que os idosos sempre reclamaram das balbúrdias causadas pelos jovens e o quanto isso atrapalhava o desempenho da aula.

Para Aquino (1998, p.57), o desinteresse do aluno resulta do fato de que a escola não é tão atrativa como outras possibilidades ofertadas ao educando no seu cotidiano. A saída seria a adoção de recursos didáticos “mais atraentes” para conquistar o aluno. Caso esse que não foi constatado pela maioria dos alunos. Isso nos coloca a refletir se essa exceção é apenas uma exceção, ou se há várias outras espalhadas pelas turmas de Educação de Jovens e Adultos. Porém, como comentado em análises de tópicos anteriores, uma quantidade considerável de jovens evadiram, e por isso a balbúrdia diminuiu, ou apenas esses jovens presentes querem aprender e contribui de maneira disciplinar para um ambiente agradável para todos? Será que esses jovens

mostram que não se pode generalizar quando fala que os jovens da EJA são bagunceiros e não querem nada com a vida?

4.1.5 Estudar numa turma diversificada

Jovens	Adultos	Idosos
ACHA BOM	ACHA BOM	ACHA BOM

Aqui foi perguntado sobre o que os alunos acham de estudar numa turma tão diversificada e todos os (6) seis alunos questionados acham bom, é bom refletir sobre algumas observações deixadas primeiramente pelos questionados idosos, onde alguns falaram que não ver diferença, e o que ficou bem marcante em outras falas, foi o ensinamento dos jovens para coisas atuais, onde os jovens os deixam mais atualizados, não só em coisas de tecnologia, mas para desconstruir algumas visões ultrapassadas e preconceituosas que eles têm da sociedade moderna. Muito esperançoso observar essa mudança de visão que os idosos estão começando a ter dos jovens, claro que não se pode generalizar, mas a percepção desse quadro, o respeito, contribui de maneira grandiosa para um bom aprendizado dentro de sala de aula com esse conflito intergeracional.

Os adultos falaram que se dão bem com todos os alunos, tanto idosos quanto jovens nas suas próprias falas, e que é bom estudar junto a essa diversidade porque eles aprendem mais. Os jovens falaram que tanto aprendem com os idosos quanto ensinam e que também essa relação estimula o aprendizado. É bom refletirmos que nessa turma a relação e a opinião de cada faixa etária é a mesma, todos acham bom estudar numa turma com diferentes faixas etária, e que isso só traz conhecimento para todos nessa troca de experiência.

4.1.6 deveria separar?

Jovens	Adultos	Idosos
NÃO	NÃO	NÃO

Aqui foi perguntado aos alunos se eles acham que deveria separar a turma por faixa etária e na totalidade os (6) seis alunos acham que não deveria separar os alunos por faixa etária. É interessante refletir que os idosos falaram que não havia necessidade e que também eles se completam e se ajudam dentro de sala de aula.

Alguns adultos falaram que quando se quer aprender a idade não é empecilho, outros adultos falaram que é indispensável se relacionar com pessoas de diferentes faixas etárias. Os jovens foram unânimes nos comentários, ao falarem que não importa a idade que eles têm, e sim o objetivo, que é a vontade de querer aprender. É realmente uma quebra de paradigma, onde todos falavam que os jovens não queriam nada com nada, e esses jovens da EJA nos mostram que não são todos que são bagunceiros, que eles estão lá para aprender e ensinar.

4.2 Análise dos questionários aplicados com os professores

Abaixo teremos a tabela e análises dos questionários aplicados com os professores dentro da turma de EJA, a respeito da relação dentro de sala com alunos de diferente faixa etária. Os professores serão identificados como A,B,C e D.

	Professor A	Professor B	Professor C	Professor D
Educação ofertada pela EJA	BOA	REGULAR	REGULAR	BOA
Relação Aluno-aluno de diferente geração	BOA	BOA	PÉSSIMA	BOA

Educação ofertada numa sala diversificada	ÓTIMA	REGULAR	REGULAR	ÓTIMA
Prejudicial alunos de diferentes faixas etárias	NÃO	SIM	DEPENDE	NÃO
Os professores estão preparados	SIM	NÃO	NÃO	SIM
É possível aprendizagem satisfatória	SIM	SIM	DEPENDE	SIM
Separar é uma solução	NÃO	SIM	SIM	NÃO
Participa de formação continuada	NÃO	NÃO	NÃO	SIM

4.2.1 Educação ofertada pela EJA

Aqui foi perguntado como os professores enxergavam a qualidade da educação ofertada pela EJA de maneira geral, (2) dois dos (4) quatro professores responderam que acham regular e os outros (2) dois professores acham boa a educação ofertada pela EJA, alguns professores falaram que a questão estrutural não era satisfatória, citando a falta de um sistema de ventilação, o material didático inadequado, e falta de capacitação ofertada para a modalidade, e que os alunos não recebem material didático e nenhum suporte para que permaneçam no ambiente escolar. Já outros professores falaram que a EJA dispõe dos mesmos subsídios que as turmas regulares, e ressaltam a força de vontade de aprender dos alunos.

4.2.2 Relação Aluno-aluno de diferente geração

Aqui foi perguntado a respeito de como os professores enxergam a relação entre os alunos de diferente geração, (3) três dos (4) quatro professores afirmaram ser boa a relação entre alunos de diferentes gerações e apenas (1) um professor falou que era péssima. Das justificativas foi ressaltado que os idosos colaboram para uma harmonia maior dentro de sala de aula. Outros professores falaram que a troca de experiência entre alunos de diferentes faixas etárias enriquece todas as partes. Outros professores não acreditam nessa relação satisfatória e que o ritmo de aprendizagem de cada um dificulta a relação.

O professor tem um papel fundamental na construção de novos saberes, sua responsabilidade aumenta, pois necessita adaptar-se às diferentes linguagens e criar oportunidades para além das situações educativas, transcendendo a sala de aula. (Xavier, 2017, P. 13)

Então a importância da mediação pedagógica do professor se torna indispensável nessa questão, pois é ele quem vai conduzir o ritmo da aula, ele poderá implantar metodologias que facilite a relação entre os alunos, para que eles possam se ajudar mutuamente.

4.2.3 Educação ofertada numa sala diversificada

Aqui foi perguntado a respeito da qualidade do ensino aprendizagem numa sala com alunos de diferentes gerações e podemos notar que as opiniões a respeito da educação ofertada numa sala de EJA com alunos de diversas gerações causaram divisões de opiniões entre os professores questionados, pois (2) dois falaram que era boa e os outros (2) dois falaram que era regular, o professor A falou que acha ótimo e colocou a seguinte justificativa:

“Um aluno ajuda o outro menos experiente na utilização de mídias digitais, em quanto os mais idosos são mais paciente e sucinto na busca da resolução das atividades propostas”.

Já o professor B questionado falou que acha regular a educação ofertada numa sala diversificada, e justificou da seguinte forma:

“não conseguimos trabalhar o conteúdo de forma abrangente, pois geralmente os alunos mais velhos possuem uma dificuldade extrema em acompanhar o ritmo dos mais novos”.

Temos essa dicotomia presente dentro de uma sala de Educação de Jovens e Adultos bastante presente, não só no campo teórico, mas como podemos observar na prática. Cabe-nos em quanto pedagogos pensar numa solução que possamos aproveitar essa união de diferentes gerações e essa troca de experiências, com um conteúdo que abranja todas as faixas etárias de maneira igualitária.

4.2.4 É prejudicial alunos de diferente geração numa mesma sala?

Aqui foi perguntado aos professores se eles consideravam prejudicial para o ensino aprendizagem alunos de diferentes idades numa mesma sala, (2) dois professores falaram que não acham prejudicial, (1) um falou que sim e outro que dependia, vale salientar que pela experiência própria do professor A questionado que não acha prejudicial alunos de diferentes idades, ele afirmou que:

“Não vejo problema algum, já lecionei em programas educacionais que a faixa etária era de 8 a 72 anos e ambos foram alfabetizados em pleno êxito”.

Já o professor B falou que acha sim prejudicial e afirmou:

“os alunos mais velhos precisam receber uma atenção diferenciada, os métodos avaliativos precisam ser diferenciados e o nível de entendimento muda de acordo com a faixa etária, pois os alunos vivenciaram momentos diferenciados ao longo da vida escolar”.

O professor C falou que dependia, pois:

“Depende, porque o maior problema é como o aprendizado acontece, pois as diferentes faixas etárias fazem com que os professores tenham maiores dificuldades na hora de ministrar o conteúdo de modo a atingir a todos”.

É nítido perceber diferentes pontos de vistas acerca de um único problema, pois sim cada faixa etária tem suas especificidades e cada faixa etária tem sua atenção diferenciada, mas tudo realmente depende de como essa educação é ofertada, e da preparação dos professores para lidar com essas diferenças.

A convivência de pessoas de diferentes idades no espaço escolar pode gerar conflitos que podem ser agravados devido à falta de uma prática apropriada. No entanto, o contato com indivíduos com outros

estilos de vida e de linguagem pode (e deve) se dar em qualquer fase da vida e são importantes para a construção de identidades em comum e laços de solidariedade entre as gerações (GOUVEIA; SILVA, 2015. P. 8).

Como bem reforçado por Gouveia e Silva é possível sim que haja algum conflito, mas tem que haver metodologias para que essa diferença não seja apenas um problema, obviamente enquanto professores temos que buscar nos capacitar e pensar estratégias e metodologias que atinja cada faixa etária, para que essa diferença seja um aprendizado.

4.2.5 Preparação dos professores

Com essa questão colocamos os professores a refletir se eles estão preparados para lidar com essa diferença de gerações, e o resultado como percebido na tabela acima é dicotômico.

Os Professores A e D acham que os professores estão sim preparados, justificaram da seguinte forma, Professor D: “professor que é professor não ver diferença” e o Professor A: “não vejo dificuldade nesse aspecto de acordo com minha experiência e depoimentos de colegas”. Os Professores B e C acham que os professores não estão preparados e justificaram da seguinte forma:

“As nossas universidades (na verdade os cursos) não preparam os professores para a realidade de sala de aula, pois prática e teoria são coisas bem distintas na educação brasileira” (Professor C).

“Não recebemos nenhum tipo de capacitação para enfrentar a realidade a qual nos deparamos, quando algum tipo de capacitação é ofertada e feita de forma superficial” (Professor B).

Alguns professores se acham preparados para lidar com essas situações, outros justificam que acontece um déficit nos cursos de preparação de professores, e os programas ofertados são superficiais e não os preparam de maneira satisfatória.

Os docentes argumentam que é preciso ter mais subsídios para que possam sanar as dificuldades apresentadas e ainda manter o interesse do aluno que trabalha. Os trabalhos docentes, muitas vezes, não correspondem às necessidades dos educandos. Fato que pode ainda gerar insegurança e insatisfação com os alunos da EJA, que vem resultar em evasões ou descrédito nos programas da educação. (DE JESUS, 2018, p.18)

Muitas dessas questões não iremos aprofundar neste trabalho, mas em quanto pedagogos temos que buscar nos preparar, é a formação continuada que entra em ação, não podemos parar de buscar conhecimentos.

4.2.6 É possível uma aprendizagem satisfatória

Nessa questão colocamos os professores a refletir se é possível uma aprendizagem satisfatória na sala de EJA com essa intergeracionalidade. Dos professores questionados (3) três acham sim possível uma aprendizagem satisfatória e (1) um falou que dependia. Dos professores que acham possível uma aprendizagem satisfatória cabe destacar a justificativa do professor A, “o professor testa diversas metodologias e pode até mesmo aplicar diferentes atividades para grupos diferentes”.

Dos professores que acham que depende, é importante salientar a justificativa do professor C, “depende, acho que o aprendizado depende de cada indivíduo. Você pode ter a melhor educação do mundo e não aprender nada, pois isto não depende apenas do que é ofertado”.

É importante pensar que a vontade de estudar e aprender não vêm do nada, tem que ser estimulada e isso é papel do professor, papel do sistema educacional, e claro que depende do indivíduo para o aprendizado acontecer de maneira satisfatória, mas também do trabalho do professor em como lidar com determinadas situações.

4.2.7 Separar é uma solução?

Nessa questão colocamos os professores a refletir se separar as turmas por faixa etária seria solução viável para melhorar o aprendizado de ambos, facilitar a educação ofertada pelos professores de maneira que abranja a todos.

Dos professores que consideram ser uma solução separar as turmas, o professor C fala “isso facilitaria a linguagem” e outra justificativa interessante é a do professor B, “adequaríamos os conteúdos a realidade de cada público, possibilitando um processo de ensino aprendizagem satisfatório”.

Dos professores que não consideram separar uma solução, o professor D afirma “não precisa separar” e o professor A fala que, “observe que não influenciaria muito na questão do rendimento”.

Se encararmos as turmas de EJA com esse conflito intergeracional como um problema e buscarmos separar como uma solução, nunca vamos resolver o problema de fato e importante trazer a reflexão de Rigolon (2012) afirma dizer que se não é possível à convivência de diferentes grupos em sala de aula é de algum modo, afirmar que não é possível a convivência deles na vida em sociedade. Então temos que mudar essa visão a respeito dessa relação caso contrário, nunca vamos buscar metodologias para encarar essa diversidade presente, as universidades não irão buscar estratégias para melhor formar o discente, então a solução que parece ser mais fácil não resolveria, seria como colocar a sujeira para debaixo do tapete.

4.2.8 Participa de formação continuada

Aqui foi perguntado aos professores se eles participam ou já participaram de formação continuada com a temática das diferentes gerações na EJA e (3) três dos (4) quatro professores questionados afirmaram não ter participado de algum tipo de formação continuada que aborde as diferenças de faixa etárias, e justificaram da seguinte forma:

“Com a carga horária massiva que temos que executar para viver de maneira digna não conseguimos participar de formações continuadas quando estas são ofertadas. Também não realizamos processos de formação continuada porque muitas vezes temos que arcar com os custos, o que é inviável”(Professor B).

O Professor C fala, “participo de formações continuadas que trabalha com o EJA, porém não especificamente para as diferentes faixas etárias” e o Professor A falou, “todos os anos participo de formação continuada, porém com esta temática nunca nos foi ofertada”. E o professor D que participou justificou da seguinte forma, “EJA cidadã”.

É interessante pensarmos primeiramente na importância da formação continuada para os docentes, pois com as mudanças históricas ocorridas na educação, e as mudanças dos sujeitos dentro das salas de aula, tanto na

regular quando na EJA, faz com que o professor seja obrigado a estar sempre atualizando seus conhecimentos.

Essa necessidade sempre existiu, já que a ação docente é uma ação complexa que depende da eficácia da relação interpessoal e de processos subjetivos como a capacidade de captar a atenção e de criar interesse. As mudanças de paradigmas impostas pela sociedade nas últimas décadas intensificou sobremaneira essa necessidade. Formar-se continuamente tornou-se obrigatoriedade para os professores numa escola que precisa lidar com gerações interativas, inquietas e tecnológicas. (FURTADO, 2015, p.5)

É importante perceber que as ideias de Júlio Furtado nos colocam a refletir que independente da nossa área de atuação sempre haverá a necessidade de buscarmos a formação continuada. Nas justificativas de muitos professores há presente a falta de formações com essa temática, seja dos conflitos geracionais presentes, as diferenças de faixas etárias numa mesma sala, a intergeracionalidade, e temos que refletir se de fato pouco é ofertado para os professores com essa abordagem, pois esse conflito geracional está presente em centenas, milhares de salas de aula pelo Brasil.

Temos que dar a devida importância para o que é ofertado para a capacitação dos professores, pois só assim eles terão os subsídios teóricos necessários para saber lidar com essa diversidade dentro de sala de aula. Cabe também ao professor buscar conhecimento á respeito do assunto, e não entrar no comodismo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identificamos o processo histórico da Educação de Jovens e Adultos, desde criação de programas que estimularam a alfabetização das pessoas no Brasil, juntamente com iniciativas privadas e seus objetivos particulares. Até a educação de pessoas que não estavam em idade escolar por iniciativa do governo, a criação de vários outros programas governamentais, e fecharmos isso com a criação de leis que deixa válido e como obrigação essa educação ofertada.

E após isso começamos a observar a entrada dos jovens de maneira massiva dentro das salas de EJA, e como objetivo do presente trabalho foram identificados os sujeitos presentes na Educação de Jovens e Adultos, em conjunto com suas especificidades, e refletimos e discutimos sobre o conflito intergeracional presente nas salas de aula, trouxemos aportes teóricos que consideravam prejudicial essa diversidade geracional e aportes teóricos que observavam esse conflito como uma forma positiva, um espaço para trocas de experiências e que tanto jovens como idosos tinham coisas para ensinar um ao outro.

E após todas as reflexões e discussões colocamos a mão na massa e fomos para o campo de pesquisa, onde realizamos questionário com alunos e professores de uma escola estadual que oferta a EJA, e obtivemos resultados bastante positivos a respeito desse conflito intergeracional.

Pode-se concluir que não há nenhum tipo de conflito intergeracional no referido campo de pesquisa, relacionado aos alunos, nenhum dos alunos apresentaram dificuldades significativas ao relacionar com outros alunos de diferentes faixas etárias. Foi encontrado um cenário diferente de outras escolas de EJA, no que diz respeito à visão dos idosos para com os mais jovens, os idosos não se queixaram de bagunça dos mais jovens e nem que eles atrapalhavam a aula e o seu aprendizado. Nem os mais jovens reclamaram do ritmo de aprendizado dos idosos.

É importante ressaltar a massiva queixa deixada pelos professores a respeito das dificuldades em lidar com essa situação, muito por falta de sua

formação insuficiente que não prepara os professores de maneira satisfatória para lidar com esse cenário, e também pela pouca oferta de formação continuada com essa referida temática.

Como pedagogos temos que buscar sempre novos conhecimentos para lidar com o dia a dia de sala de aula, e diante desse cenário podemos criar esperança para a Educação de Jovens e Adultos, e principalmente desconstruir a visão preconceituosa que a sociedade tem para a mesma, pois lá há sim alunos com força de vontade de estudar e aprender, não só os idosos que são tidos como os únicos, mas os jovens também, não se pode generalizar dizendo que os jovens só vão para bagunçar e atrapalhar o ritmo de aprendizado dos idosos, mas que eles podem somar numa sala diversificada onde todos possam sair ganhando.

E para a academia esse trabalho é de extrema importância, primeiramente para trazer um pouco de atenção para essa temática do conflito intergeracional dentro das salas de Educação de Jovens e Adultos, pois esse conflito, essa diversidade é presente em diversas turmas de EJA, e mesmo assim o debate e reflexão ainda são insuficientes, e muitas vezes se tem uma visão negativa e que essa relação só é prejudicial. Mostrar a partir da pesquisa realizada que mesmo com as dificuldades é possível uma relação produtiva.

Outro ponto importante é nos colocar a refletir sobre como o curso de pedagogia nas Universidades Federais deixam a desejar, na formação dos discentes quando o assunto é EJA, com apenas um componente curricular obrigatório, da qual não se consegue aprofundar de maneira satisfatória em questões de extrema importância dentro da Educação de Jovens e Adultos. Se esse déficit já é grande no curso de pedagogia, a lacuna é maior ainda em outras licenciaturas que muitas vezes a EJA é um campo de atuação e o referido professor não tem a menor capacitação de lidar com a EJA em si.

E por fim, sabemos que a luta por essas melhorias na formação de professores e de formação continuada não é fácil, temos que continuar buscando a formação continuada, em quanto pedagogo essa é nossa obrigação, com o fim de ofertarmos uma educação melhor para os nossos alunos, a luta não pode parar.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Matheus Falcão. **A relação intergeracional na EJA**. Universidade Federal fluminense. Niterói, 2017.
- ARROYO, Miguel. **Educador em diálogo com nosso tempo**. Belo horizonte. Editora autêntica, 2011.
- BEISEGEL, Celso de Rui. **Estado e educação popular**: um estudo sobre a educação de adulto. 2ª Edição. Brasília. Editora Liberdade, 1974.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Alunos e Alunas da EJA**. Brasília, 2006.
- DE JEUSUS, Eunice Santos Souza. **A importância da formação docente da EJA**, 2018. Disponível em:
<<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/direito/a-importancia-da-formacao-docente-da-eja/58679>>. Acesso em 09 de Maio de 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25ª edição. São Paulo. Editora Paz e Terra, 1996.
- FONSECA, Solange Gomes Da. Uma viagem ao perfil e a identidade dos alunos e do professor da Educação de Jovens e Adultos (EJA). *Pedagogia Online*. 2010. Disponível em:
http://www.psicopedagogia.com.br/new1_artigo.asp?entrID=1234#.VjNH_NKrTMz. Acesso em 25 out. 2018.
- FURTADO, Quêzia Vila Flor. **Diferença de idades na educação de jovens e adultos**: desafios e possibilidades. João Pessoa, EDITORA UNIVERSITÁRIA/UFPB, 2010.
- FURTADO, Júlio. **A Importância da formação continuada dos professores**, 2015. Disponível em:
<<http://juliofurtado.com.br/2015/07/22/a-importancia-da-formacao-continuada-dos-professores/>>. Acesso em 09 de Maio de 2019.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª edição. São Paulo, Editora Atlas S.A, 2008.
- GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**. 14ª edição. Rio de Janeiro. Editora Record LTDA, 2015.
- GOUVEIA, Daniele da Silva Maia; SILVA, Alcina Maria Testa Braz da. **A ampliação da faixa etária da eja e o convívio intergeracional**: pontos e contrapontos. *Revista Científica Interdisciplinar*. ISSN: 2358-8411Nº 3,

volume 2, artigo nº 15, Julho/Setembro 2015. Disponível em: <revista.srvroot.com/linkscienceplace/index.php/linkscienceplace/article/..121/60>. Acesso em 09 de Maio de 2019.

HADDAD, Sergio; DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos**. Revista Brasileira de educação, Mai/Jun/Jul/Ago 2000.

LARIEIRA, Leticia. **30% dos alunos da Educação de Jovens e Adultos têm entre 15 e 19 anos no Brasil**, 2016. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/educacao/2015/05/30-dos-alunos-da-educacao-de-jovens-e-adultos-tem-entre-15-e-19-anos-no-brasil>>. Acesso em 24 de dezembro de 2018.

LEWGOY, Alzira Maria Baptista. **Diário de Campo: O que é? Para que se serve? Como elaborar?** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

NASCIMENTO, Karen Rebecca Camurça; CORTEZ, Joseane de Souza. **Indicadores da aprendizagem causados pela diferença de idade: Um estudo a partir do ensino de E/LE no Terceiro segmento da EJA**. II Seminário de ensino, pesquisa e extensão, Goiás 2014. Disponível em: <<http://eventos.ifc.edu.br/seminariointegrado/wpcontent/uploads/sites/4/2015/03/INDICADORES-DA-APRENDIZAGEM-CAUSADOS-PELA-DIFEREN%C3%87A-DE-IDADE-Um-estudo-a-partir-do-ensino-de-ELE-no-terceiro-segmen-to-da-EJA.pdf>>. Acesso em 29 de abril de 2019.

RIGOLON, Walkiria. **As diferenças a favor da aprendizagem**. Disponível em: <<http://www.ejamundodotrabalho.sp.gov.br/ExibeNoticia.aspx?noticialD=111>>. Acesso em 24 de Abril de 2018.

SIMOES, Renata. **Evasão e permanência na educação de jovens e adultos: o papel da escola nesses processos**, 2017. Disponível em: <<http://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/evasao-e-permanencia-na-educacao-de-jovens-e-adultos-o-papel-da-escola-nesses-processos/>>. Acesso em 09 de Maio de 2019.

SOARES, Leônicio José Gomes. **A educação de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais**. Revista Presença Pedagógica, v.2, nº11, Dimensão, set/out 1996.

XAVIER, Cláudia. **Importância do papel do professor como mediador**, 2017. Disponível em: <<https://educacao.estadao.com.br/blogs/blog-dos-colegios-rio-branco/a-importancia-do-papel-do-professor-como-mediador/>>. Acesso em 09 de Maio de 2019.

APÊNDICE A – Questionário com Alunos

Questionário com o intuito de levantar informações a respeito da relação entre alunos de diferente idade na Educação de Jovens e Adultos, da qual contribuirá diretamente para o Trabalho de Conclusão de Curso do discente: RODRIGO DOS SANTOS ANDRADE DA COSTA, sob orientação da Dra. QUEZIA VILA FLOR FURTADO, relacionado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba.

QUESTIONARIO ESTUDANTE DA EJA

Idade_____

Sexo: () Masculino () Feminino () Outro

- 1- Como é sua relação com os professores?
() horrível () pessima () regular () boa () excelente
- 2- Como é sua relação com os colegas?
() pessima () regular () ótima
- 3- Como é sua relação com os colegas de diferente idade da sua?
() péssima () regular () ótima
- 4- Você considera sua turma bagunçeira?
() sim () não () Em parte
- 4.1- Se sim, o professor tem dificuldade em dar aula?
() sim () não
- 5- Como você considera estudar numa turma com jovens, adultos e idosos?
() acho bom () tanto faz () é horrível

Justifique _____

- 6- Você acha que deveria separar os estudantes de diferentes faixas etárias?
() sim () não

Justifique _____

Obrigado pela Contribuição!

APÊNDICE B - Questionário com professores

Questionário com o intuito de levantar informações a respeito da relação entre alunos de diferente idade na Educação de Jovens e Adultos, da qual contribuirá diretamente para o Trabalho de Conclusão de Curso do discente: **RODRIGO DOS SANTOS ANDRADE DA COSTA**, sob orientação da Dra. **QUEZIA VILA FLOR FURTADO**, relacionado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba.

QUESTIONARIO PROFESSOR/A DA EJA

Formação_____

- 1- Você considera a educação ofertada pela EJA satisfatória?

()horrível ()péssima ()regular ()boa ()excelente

Justifique_____

- 2- Como você enxerga a relação dos alunos de diferentes faixas etárias?

()horrível ()péssima ()regular ()boa ()excelente

Justifique_____

- 3- Como você enxerga a educação ofertada numa sala que ha alunos de diferentes faixa etárias?

()péssima ()regular ()ótima

Justifique_____

- 4- Você considera prejudicial alunos de diferentes faixas etárias em uma mesma sala de aula?

()sim ()não

Justifique _____

- 5- Você considera que os professores estão preparados para lidar com essa diferença ?

()sim ()não

Justifique _____

- 6- Você acha possível pedagogicamente que a aprendizagem seja satisfatória com estudantes de diferentes faixas etárias em uma mesma sala de aula?

()sim ()não

Justifique _____

7- Você considera que separar as faixas etárias seja uma solução?

☒ sim ☐ não

Justifique _____

8- Participou ou participa de formação continuada que o possibilite pedagogicamente ao desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem considerando as diferentes faixa etárias?

☐ sim ☐ não

Justifique _____

Obrigado pela contribuição!